

FRANKLIN W. DIXON

OS IRMÃOS HARDY  
EM BUSCA DO  
OURO ESCONDIDO

Tradução de  
MARIA RITA FURTADO



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2019

## 1. PERIGO NO NEVOEIRO

— Alguém se vai magoar! — exclamou o Frank Hardy.

Ele e os seus quatro amigos pararam no bosque escuro e puseram-se à escuta, quando sons de tiros de espingarda e gargalhadas sonoras lhes chegaram de um cume próximo.

— Caçadores irresponsáveis — disse o Joe, irmão do Frank, tristemente.

O Joe tinha dezassete anos, era alto e loiro e um ano mais novo do que o Frank.

— Regressemos à cabana — apressou-os o gorducho Chet Morton, ansioso. — Além do mais, tenho fome.

O Biff Hooper, magricela, concordou.

— Amanhã podemos procurar um sítio para acamparmos.

— A menos que o Frank e o Joe sejam chamados a resolver um mistério — provocou o Tony Prito.

O Frank riu-se.

— É possível que sejamos...

*Zás!* Uma bala ficou cravada numa árvore, a um centímetro da cabeça do Joe!

Durante um momento, fez-se silêncio. Depois o Frank perguntou, apressadamente:

— Joe, estás bem?

O irmão engoliu em seco e olhou para o buraco, na casca da árvore.

— Estou bem, mas se tivesse sido um centímetro ao lado...

O bonito rosto do Biff Hooper ficou vermelho de raiva.

— Eu vou atrás daqueles tipos! — declarou.

Enquanto falava, viram três caçadores.

— Calma aí! — dirigiu-se-lhes o Frank. — Vocês quase mataram o meu irmão!

— Deviam ter mais cuidado! — gritou o Joe.

— Desculpem, rapazes — respondeu um dos homens, com desenvoltura.

Ele e os companheiros não pararam; pelo contrário, avançaram por entre os arbustos.

— É tudo o que têm a dizer? — vociferou o Chet.

— Esquece isso, miúdo — respondeu outro dos caçadores. — Ninguém se magoou.

— Caçadores idiotas! — rosou o Joe, quando o trio desapareceu. E acrescentou para os companheiros: — Vocês quase perderam um sócio.

Os cinco rapazes tinham juntado dinheiro para construírem a sua própria cabana e estavam a explorar o bosque profundo, a norte de Bayport, em busca de um local para acampar.

Para aliviar a tensão causada pelo quase-acidente, o Tony Prito gracejou:

— Estamos habituados à ideia de vos perdermos, a ti e ao Frank. Sempre que iniciamos um projeto, vocês envolvem-se num mistério.

O Frank e o Joe eram filhos de Fenton Hardy, o famoso detetive. Tinham resolvido muitos mistérios sozinhos e ajudado o pai por diversas vezes nos seus casos.

O Biff troçou:

— Incrível! Passámos um dia inteiro aqui e os irmãos Hardy ainda estão connosco!

O Frank piscou o olho ao Joe:

— Talvez tenhamos de ir embora — admitiu. — O pai está a trabalhar num caso a oeste e temos esperança de receber um telefonema para irmos ajudá-lo.

Os outros resmonearam e depois riram-se.

— Na verdade, talvez até encontremos uma pista por aqui — acrescentou o Joe.

— O quê? — perguntaram em coro, os amigos dos Hardy.

— Lembram-se de quando eu e o Frank perguntámos por um homem chamado Mike Onslow, na loja? O nosso pai pediu-nos para estarmos atentos a ele. O Onslow vive algures neste bosque e pode ter informações úteis para o caso do nosso pai.

— Vá lá — disse o Chet. — Vamos comer e conversamos depois.

Os rapazes avançaram por entre a escuridão crescente. O nevoeiro estava a começar a levantar quando chegaram ao limite da clareira onde ficava a cabana que tinham arrendado. Enquanto atravessavam em direção

à casa rude, de troncos, soaram tiros de espingarda, ao longe.

O Chet estremeceu.

— Aqueles caçadores descuidados continuam a disparar — observou.

Os rapazes estavam prestes a entrar na cabana, quando o Joe exclamou:

— Silêncio!

Todos estacaram, escutando com atenção.

— Parecia um grito — disse o Joe.

Como os outros não tinham ouvido nada, acabaram por entrar.

— Espero que aqueles idiotas não tenham disparado contra ninguém — comentou o Tony, enquanto acendia o candeeiro a óleo.

O Frank e o Joe foram acender a lareira e o Chet começou a fazer o jantar, no fogão a lenha.

— Este é um mau sítio para nos magoarmos — disse o Biff.

Os rapazes estavam a dezasseis quilómetros da vila mais próxima, Clintville, e a única estrada até lá era inclinada e esburacada. Tinham pedido o carro ao senhor Hardy para a viagem, mas tinham-no deixado na Garagem de Clintville. George Haskins, dono do único hotel da vila, tinha-lhes arrendado a cabana e o seu filho Lenny levava-os até lá, num todo-o-terreno.

— Aqui não seria fácil obtermos ajuda — concordou o Joe.

— O jantar está quase pronto — anunciou o Chet. — Tragam cadeiras para... — Foi interrompido. Vindo da

clareira, chegou-lhes o barulho de passos de corrida e, depois, o som frenético de alguém a bater à porta. O Tony foi até à porta em passos largos, e abriu-a. O Lenny Haskins, um rapaz esguio, estava à porta, a arfar.

— O que se passa? — perguntou o Tony, ao rapaz.

— O Frank e o Joe Hardy receberam uma chamada de longa distância, no hotel — disparou o rapaz, sem fôlego.

— De onde? — perguntou o Frank.

— Não sei — respondeu o Lenny. — A linha está com problemas e tudo o que consegui perceber foi que a pessoa tornaria a ligar daí a uma hora, mais ou menos.

— Talvez seja o pai! — exclamou o Frank.

— Aposto que estás certo — concordou o Joe. — Tínhamos-lhe dito que poderia contactar-nos através do senhor Haskins.

— Vão jantando, rapazes — disse o Frank. — O Joe e eu vamos regressar ao hotel, com o Lenny.

Com o jovem Haskins a liderar, os Hardys apressaram-se através da clareira e de um trilho por entre o bosque enevado, até chegarem à estrada. Aí, acomodaram-se no todo-o-terreno já velho.

— Segurem-se! — disse o Lenny, ao dar início à viagem atribulada, estrada abaixo.

Passados vinte minutos, o carro chegou à Rua Principal, em Clintville, e parou em frente ao Hotel Haskins. O telefone estava a tocar quando os rapazes entraram, a correr.

O senhor Haskins pegou no auscultador do telefone de parede.

— Sim! — gritou para o bocal. Depois passou o aparelho ao Frank.

— Daqui fala Hank Shale — soou uma voz, que mal se percebia por entre as interferências. — O vosso pai pediu-me para vos ligar e dizer que precisa da vossa ajuda imediatamente.

— O pai está bem? — perguntou o Frank, em voz alta. A resposta foi abafada pelos estalidos que lhes chegaram através do cabo. Depois a voz disse:

— Venham até Lucky Lode. — E a ligação perdeu-se.

— Hank Shale é o nome do velho amigo do pai com quem ele disse que ficaria — recordou o Joe. — Mas como podemos saber se era mesmo o Shale?

— Eu ouvi a telefonista dizer que a chamada era de Lucky Lode — contribuiu o senhor Haskins.

— Pronto, está resolvido — declarou o Frank, em tom imperativo. — Aconteceu alguma coisa. Temos de ir embora já e ajudar o pai!

— Há um voo, de manhã, para oeste — disse o Joe. — *Temos* de o apanhar!

Depois de algumas dificuldades, os rapazes conseguiram fazer uma chamada para Lucky Lode, informando o Hank do seu plano de partir, no dia seguinte.

— É melhor comerem antes de irem — disse o dono do hotel, em voz amável.

Agradecidos, os rapazes esfomeados juntaram-se ao senhor Haskins e ao Lenny à mesa, na cozinha. Enquanto comiam, o Frank e o Joe traçaram um plano. Pediram ao Lenny que os levasse de volta à cabana, no todo-o-terreno, e que esperasse enquanto eles faziam as malas.

— Depois vamos buscar o nosso carro à garagem, conduzimos toda a noite e chegamos a Bayport ao nascer do Sol. Mais tarde poder-se-á enviar outro carro para ir buscar os rapazes.

Depois do jantar, os Hardys agradeceram ao senhor Haskins e apressaram-se a sair com o Lenny. Pouco depois estavam a subir a colina íngreme, no todo-o-terreno barulhento.

O Joe gritou:

— Vamos ter de ser rápidos para...

*Bang!* A panela de óleo do todo-o-terreno bateu numa pedra, na estrada. O veículo guinou para uma vala e parou de encontro a uma árvore.

— Podemos empurrá-lo num instante, de volta à estrada — disse o Lenny, ao sair.

— Não vale a pena. Não chegaríamos longe, à velocidade a que está a perder óleo — respondeu o Frank quando viu a gravidade do estrago. — Teremos de percorrer o resto do caminho a pé e tu voltas para trás, para pedir ajuda ou ir buscar outro carro.

O Lenny concordou e apressou-se a descer a colina, enquanto os Hardys começaram a subir pela estrada esburacada. As suas lanternas estavam acesas, mas mal penetravam o nevoeiro espesso. Tropeçaram muitas vezes em pedras e buracos. A noite estava fria e húmida.

De repente, o Joe parou.

— O que é aquilo?

Ambos pararam por um segundo. Então escutaram um gemido fraco, vindo do bosque.

— So-cor-ro!

— Vamos! — disse o Frank, concisamente.

Os rapazes enfiaram-se pelo bosque, para a direita, e foram apalpando terreno por entre as árvores envoltas em névoa. Ramos baixos arranhavam-lhes a cara e, a dada altura, o Joe tropeçou na raiz de um grande carvalho.

De novo ouviram o fraco pedido de socorro.

— Ali — disse o Frank —, onde o nevoeiro está mais denso.

Avançaram com cuidado. De repente, o gemido souou-lhes mais alto, vindo de sob os seus pés!

— Cuidado — alertou o Frank, tentando sentir o terreno adiante, com os pés. — Aqui há uma ravina.

Semi-escorregando, os rapazes foram descendo a ladeira. No fundo, o Frank tropeçou em algo volumoso e ouviu-se outro gemido. Depois apontou a lanterna para uma figura prostrada.

— Aqui está ele, Joe — disse o Frank. Os dois rapazes ajoelharam-se ao lado da vítima.

— A minha perna — murmurou o homem. — Deram-me um tiro.

Com muito cuidado, o Frank afastou o tecido das calças, rasgado pela bala.

— Não parece haver muito sangue, agora, mas poderá sangrar mais, quando o movermos.

Os rapazes apressaram-se a colocar os lenços em torno da coxa do homem para poderem usá-los como torniquete, caso fosse necessário.

Quando a levantaram, a figura lamurienta desmaiou.

— Não há tempo a perder, Joe. Ele está muito fraco.

O Joe espreitou por entre o cobertor de neblina.

— E se não conseguirmos encontrar a nossa cabana? — perguntou, num tom sombrio.

— *Temos* de conseguir — respondeu o Frank. — Este homem pode morrer se não lhe dermos abrigo.